

# Jornal do Professor Adufg SINDICATO

PUBLICAÇÃO DO SINDICATO DOS DOCENTES DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS DE GOIÁS - ANO III- Nº 12 - JANEIRO/FEVEREIRO DE 2014

## EDITORIAL

### Bem-vindos, professores

A primeira edição do **Jornal do Professor** de 2014 chega com os primeiros movimentos acadêmicos após as férias. Para os professores da UFG, o ano começa repleto de novidades com a aprovação do novo estatuto. Nesta edição, saiba o que muda na estrutura da universidade e de seus campus. Conversamos com o novo reitor, professor Orlando Amaral, que detalha as principais mudanças estruturais que serão implantadas nos próximos meses.

Na sessão "Professora entrevista professor", conheça um exemplo de iniciativa pela ciência da simplicidade. O vencedor do Prêmio Finep de Inovação 2013, professor Wendell Coltro, foi entrevistado pela colega de IQ, Cecília Oliveira, sobre pesquisa na área de Microfluídica, que produz chips para autodiagnósticos a partir de materiais alternativos e a custos baixíssimos.

Os prêmios dos colegas da UFG não param por aí. Domenico Hur e Fernando Lacerda, da FE, venceram prêmio nacional do Conselho Federal de Psicologia com artigo sobre o potencial criativo e o poder de transformação de situações de insurgência. Na reportagem, os professores contam sobre o trabalho que põe em foco mudanças na profissão e na ciência da Psicologia e de subjetividade no pensamento político brasileiro, provenientes da resistência armada contra a ditadura militar.

Há ainda a pesquisa com os Karajá, do Museu Antropológico, homenada pelo Conselho Estadual de Cultura com o Diploma do Destaque Cultural.

Além disso, para facilitar a consulta do professor filiado, o **JP** traz as tabelas do reajuste salarial a ser liberado no próximo 01 de março aos docentes de Magistério Superior. O reajuste é a segunda parcela do acordo assinado pelo Proifes-Federação com o Governo Federal em agosto de 2012.

Aproveite a leitura e bom trabalho!

#### Contato com a redação

(62) 3202-1280

jornaldoprofessor@adufg.org.br

## Novo estatuto muda estrutura de órgãos colegiados da UFG

Campus do interior passam a ser definidos por regionais

Cada Regional terá Conselho Gestor todos os meses

Consuni e câmaras superiores só a cada 3 meses

Reitor Orlando Amaral detalha mudanças  
Páginas 12 e 13



Fotos: Maclays Aquino

Wendell Coltro produz chips feitos de materiais alternativos e a preços baixíssimos, para autodiagnósticos. Trabalho ganhou Prêmio Finep de Inovação 2013. Ele é entrevistado pela colega de IQ Cecília Oliveira. Páginas 8 e 9

### BAMBU

#### Uma cultura a ser explorada

Pesquisa coordenada pelo professor Rogério Almeida, da Escola de Agronomia, dá bases para cadeia produtiva do bambu em Goiás. Página 11

### PRÊMIO

#### Subversão redentora

Domenico Hur e Fernando Lacerda, da FE, vencem prêmio do Conselho Federal de Psicologia com artigo sobre poder criativo da insurgência. Página 14



SINOESTE DE OLIVEIRA – Qualificação leva professor aposentado desde 1994 a participar de pesquisa de ponta no IFG. Página 6

### MILCA SEVERINO



#### Aficionada por trabalho

Ex-reitora da UFG, Milca Severino conta como a Enfermagem tirou ela e sua família da roça, em Itarumã, e resgata lembranças da sua vida profissional. Página 16



Nildo Viana\*

## Rolezinho: protesto e consumo

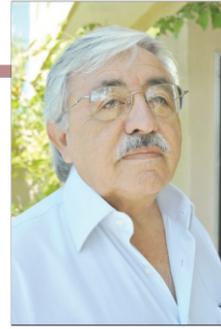
Um novo fenômeno emergiu recentemente em São Paulo e se reproduziu pelo País, chamando a atenção dos meios oligopolistas de comunicação, governos e empresários. Trata-se dos chamados “rolezinhos”. Estes são, na verdade, uma espécie de “passeios” que jovens de setores mais pobres das classes desprivilegiadas fazem nos *shopping centers*. Muitas explicações já foram oferecidas, mas algo passou despercebido e que é importante para explicá-lo. Não é tão incomum pessoas “mais pobres” entrarem em *shopping centers*, mesmo com quantidade e frequência baixa.

O que foi incomum e chamou a atenção no caso dos rolezinhos nos *shopping centers* foi ser uma ação coletiva e não de indivíduos atomizados, e que era coordenada por nenhuma organização, era espontânea. A classe social, a coletividade e a espontaneidade provocaram estranheza em muitos. Alguns, os mais elitistas, se preocuparam porque eram “pobres” e em grande quantidade no lugar privilegiado de consumo, que é também lugar de consumo das classes privilegiadas. Outros, por ser uma ação coletiva e espontânea. Num caso, a discriminação e a vontade de manter a distinção social; noutro o medo da força coletiva e espontânea.

Uma fonte inspiradora, mesmo que semiconsciente, dos rolezinhos se encontra nas manifestações populares de junho de 2013. Quatro aspectos destas possuem semelhança relativa com os rolezinhos: 1) a ação coletiva; 2) a sua espontaneidade; 3) o papel da internet como meio de comunicação e articulação; 4) a explicitação dos enormes problemas e desigualdades sociais em nosso País. Tais manifestações mostraram o poder da população quando ela age coletivamente e quando não é controlada, realizando um movimento espontâneo. Um jovem pobre ir ao Shopping Center pode ser desagradável devido aos olhares e preconceito, mas, se for um grande contingente de pessoas, não, e ainda será notícia na TV e grande imprensa. Isso manifesta a divisão de classes em nossa sociedade, na qual aqueles que desejam e se sacrificam por determinado nível de consumo, ainda estão aliados ou marginalizados do mesmo e dos seus espaços privilegiados, o que significa exigência de participação e um protesto semiconsciente.

As semelhanças se encerram nesse momento, pois a motivação principal de tais grupos de jovens é o desejo de consumo, pelo menos no seu início e no caso dos moradores da periferia de São Paulo. É uma manifestação dos valores dominantes e da cultura competitiva da sociedade moderna. “Me diga o que compras, que direi quem és”, é o ditado popular da sociedade consumista. Pode ser um refrão do funk ostentação daqueles que nada têm pra ostentar. É uma fusão de uma forma – ação coletiva e espontânea usando a internet como meio de comunicação – com um outro conteúdo – o sonho de consumo e de compartilhar os espaços das classe privilegiadas ao invés de protesto social. É por isso que os rolezinhos ocorrem em shopping centers e não em outros lugares. Isso pode gerar novas ações e conflitos, dependendo da reação dos outros.

A solução para isto não é a segregação oficializada e repressão, e nem aumentar o consumo. Trata-se de mais uma manifestação das contradições da modernidade e sua superação e do que lhe produz só pode ocorrer com uma transformação radical da sociedade, gerando um novo mundo, fundado na liberdade, igualdade e solidariedade.



Itami Campos\*

## Periferia e discriminação

Nos últimos anos, as estatísticas tem indicado uma diminuição da desigualdade social no Brasil. Razões diversas levaram a uma melhoria de renda e à redução de pessoas consideradas pobres e miseráveis. E a economia brasileira festeja a chegada dos estratos C e D ao mercado. Muitos são os setores que tem se beneficiado desta melhoria da renda, sendo que alguns já direcionam produtos e *marketing* para esses novos estratos de renda recém-chegados à sociedade do consumo. Pelo que tem sido divulgado, além de produtos básicos, eles procuram consumir outros bens – viagens, culturas e educação.

Embora haja certa dificuldade conceitual, é possível situar estes estratos C e D como ascendendo para o que se convencionou chamar de classes médias, seja pela mudança na renda e no padrão de consumo, seja também pela melhora no nível educacional. Os efeitos de tal fato para economia parecem evidentes. O brasileiro está gastando mais, aqui e no exterior. Aumentou o número de passageiros em aviões; o ônibus perdeu freguês e por isso tenta inovar para recuperar os passageiros perdidos.

Também o mercado interno brasileiro ampliou-se. Novos centros de compras, expansão dos *shoppings centers*, as diversas modalidades de feiras foram ampliadas. Essa expansão de mercado ocorreu em diferentes ramos. Veja-se no ensino superior, com “redes” se especializando em captar alunos das classes C e D, baixando mensalidades e se adequando a uma clientela recém-chegada ao mercado e carente de qualificação. E muitos *shoppings centers* deixaram as áreas centrais da cidade, áreas consideradas nobres, deslocando-se para mais longe, indo se instalar em bairros distantes, nas periferias da cidade, fenômeno que tem acontecido em diferentes regiões brasileiras. Por isso parece estranha e inexplicável a reação de alguns *shoppings centers* em fechar suas portas ao movimento de jovens da periferia, caracterizado pelos ‘rolezinhos’. Como o Estado e as instituições responsáveis pela segurança pública mostram-se incapazes de oferecer uma resposta adequada às demandas de segurança da população, o salvem-se quem puder se estabelece. Na base deste diferencial está a crescente violência que atinge cidades grandes, médias e pequenas, as diversas regiões, as cidades e o campo. O índice de criminalidade tem sido alto e a insegurança é o contraponto desse aumento da violência.

Assim, isolado e na sua insignificância, o consumidor da periferia, classe C ou D, parece bem vindo. Articulado e organizado pelas redes sociais, a coisa muda de figura, pois em grupo pode se apresentar como ameaça. Então, quando esses indivíduos resolvem se reunir em um *shopping center*, mesmo próximo à sua casa, e acertam via redes sociais o encontro, a reação logo se apresenta seja no reforço da segurança, seja na justiça. Explicar esse comportamento parece difícil, pois mecanismos sociais se apresentam e a face da periferia se mostra num processo de discriminação. As diferenças no trajar e no comportamento sugerem a quebra da ordem, real ou imaginária. Em decorrência disso, o pobre, morador da periferia, termina sendo marcado, apontado como responsável pela criminalidade. Essa marcação, que pode ter como base a desigualdade de renda e social e se apresenta na diferença do vestir, na diferença do gosto musical, no comportamento, trazendo sem dúvidas a marca da discriminação, de uma injustiça. Essa é uma longa história, da formação do povo brasileiro, a partir de uma ordem escravocrata e patrimonial. Daí, seja no campo, seja na cidade, o pobre sempre é visto como dependente economicamente e como clientela política. Interessante, parece que as clientelas estão se rebelando...

“ O que foi incomum e chamou atenção no caso dos rolezinhos nos shopping centers foi ser uma ação coletiva e não de indivíduos atomizados, e que era coordenada por nenhuma organização, era espontânea. Os elitistas se preocuparam porque eram ‘pobres’ e em grande quantidade no lugar privilegiado de consumo, o lugar das classes privilegiadas

”

“

A face da periferia se mostra num processo de discriminação. As diferenças no trajar e no comportar sugerem a quebra da ordem, real ou imaginária. Em decorrência disso, o morador da periferia termina marcado, apontado como responsável pela criminalidade

”

\* Professor da FCS

\* Professor aposentado da FCS



Miriam Fábria  
Alves\*

## Licenciaturas na UFG: um cenário

As licenciaturas, ou seja, os cursos de formação de professores para a educação básica, vêm enfrentando um processo de esvaziamento nas universidades públicas. Esse processo tem preocupado a todos que defendem que a universidade, em seu sentido amplo, seja o lócus privilegiado para a formação desses profissionais.

Na Universidade Federal de Goiás (UFG), um levantamento de dados realizado pela Pró Reitoria de Graduação em agosto de 2013 indica que a UFG oferta em todas as suas Regionais – Catalão, Goiânia, Goiás e Jataí – 57 cursos de licenciaturas, totalizando 2.484 vagas. No interstício de 2006 a 2013, o número de candidato/vagas para os cursos de licenciatura, em geral, oscilou entre 1,24 a 6,20. No processo seletivo de 2013/1 a média de candidato/vagas nos cursos de licenciatura foi de 3,42 em Goiânia; 1,52 em Catalão; 1,33 em Jataí; e 0,69 em Goiás. Oito cursos de licenciatura não tinham 1,0 candidato por vaga. Como consequência dessa situação, a UFG não conseguiu preencher 853 vagas, e parte significativa dessas vagas eram dos cursos de licenciatura, acentuadamente nos cursos dos campus fora de sede, cujas dificuldades de preenchimento de vagas são maiores.

Mas o que esses dados indicam? Uma primeira questão diz respeito a pouca atratividade das licenciaturas para os jovens concluintes do Ensino Médio, e nesse sentido, importam as indagações: quem quer ser professor da educação básica hoje? Por que as licenciaturas não se encontram entre os cursos de maior demanda na universidade? Vários fatores poderiam explicar a situação de desprestígio da carreira docente: 1) apesar de considerada nas práticas discursivas como prioritária para governantes a educação, e conseqüentemente a profissão docente, vem sofrendo um processo de degradação e desvalorização que pode ser aferido se considerarmos as condições do trabalho: salário, carreira, jornada de trabalho, condições efetivas de trabalho nas unidades escolares. Um aspecto exemplifica essa situação: as redes públicas de educação básica têm dificuldade em pagar o piso salarial de R\$ 1.697 a partir de janeiro de 2014 – valor muito inferior a outras carreiras de nível superior; 2) a infraestrutura das escolas ainda é precária e faltam condições mínimas para o trabalho do professor: prédios escolares, laboratórios, espaço para o trabalho coletivo, material didático-pedagógico; 3) não há uma política do Estado brasileiro, com ações em médio e longo prazos, que objetive alterar esse quadro, situação que vem se agravando e gerando uma “descrença generalizada” quanto ao futuro do trabalho docente, traduzindo-se na chamada “síndrome da desistência” ou no adoecimento dos professores.

Se a carreira não é atrativa, a formação inicial oferecida pela universidade também enfrenta desafios na configuração curricular dos cursos de licenciaturas, a dificuldade em estabelecer uma interlocução com as escolas de educação básica limitando a vivência da prática docente por parte dos estudantes, na desvalorização da formação pedagógica e na condição subalterna das licenciaturas no cenário de supervalorização dos bacharelados e de determinadas áreas de atuação.

Na contramão dessa dura realidade, recordo-me de um texto da professora Helena de Freitas (2007), em que ela propõe que a política de valorização do magistério seja concebida “como profissão, com sentido de projeto de vida e de futuro”. Essa é a perspectiva que defendo para a docência e também para a valorização das licenciaturas nas universidades públicas. Compreendo que a UFG tem papel de destaque nesse debate público, inclusive fomentando a discussão acerca da função social da educação e da docência na educação básica.

\* Ex-diretora da FE, chefe da Assessoria de Licenciatura na Pró-Reitoria de Graduação



Glacy Antunes  
de Oliveira \*

## Um desafio e suas conseqüências

Atendendo convite do prefeito Paulo Garcia, assumi a Secretaria Municipal de Cultura em fevereiro de 2013, entendendo cultura como direito fundamental do ser humano e ao mesmo tempo um importante vetor de desenvolvimento econômico e de inclusão social.

O mais fascinante na experiência de gestão cultural é constatare a diversidade dos processos e ações culturais, todos de máxima importância e cada um com sua especificidade.

São inúmeras as possibilidades de ação da SeCult Goiânia; impressiona a abrangência contida em Bibliotecas, Museu, Bandas, Orquestra e Coro Sinfônicos, Espaços Culturais, Centro Livre de Artes, Teatro e Cinema do Goiânia Ouro, Pontos e Casas de Cultura, além dos eventos já sob tradicional responsabilidade da Secretaria, como Goiânia em Cena, Concertos Ouro, Goiânia Canto de Ouro, FestCine, Folia de Reis; além destes, muitas outras festas, espetáculos e parcerias acontecem com a colaboração da SeCult como, por exemplo, as Quadrilhas Juninas, o Carnaval, os Desfiles Cívicos, as edições de livros através do projeto Prosa e Verso e das Bolsas de publicações Hugo de Carvalho Ramos – em união com a UBE Goiás e Regina Lacerda – em união com a Comissão Goiana de Folclore.

Muito significativo na estrutura da SeCult Goiânia, o Escritório da Lei Municipal de Incentivo à Cultura – que em 2014 (edital já aberto) recebe o valor aproximado de R\$ 8 milhões advindo de subvenções sociais – gerencia o Fundo de Apoio à Cultura (FAC), recursos relativos a 0,5% da arrecadação municipal de IPTU e ISS.

Em Goiânia, a Lei Municipal de Incentivo à Cultura tem sido um mecanismo muito eficiente. Diversos projetos não teriam ido do papel ou da tela do computador à materialidade se não fosse a lei. Prova do reconhecimento dessa importância está na grande quantidade de inscritos. Em anos anteriores, o número máximo de projetos apresentados para seleção foi 276. Em 2013, a prefeitura, por meio da Secretaria Municipal de Cultura, recebeu 516 inscrições.

A Divisão de Patrimônio Histórico merece atenção especial vez que se encontra precariamente instalada. Procurou-se solucionar a questão através da proposição, hoje sendo transformada em projeto de lei, de um Sistema Municipal de Patrimônio Cultural. No projeto é revista a legislação que criou o Conselho Municipal de Patrimônio Histórico, dando-lhe agora poderes específicos além da instituição de um jeton para os conselheiros.

Os principais problemas encontrados relacionam-se principalmente à absoluta necessidade de manutenção e construção de espaços físicos destinados às diversas especificidades artísticas e culturais e à questão do pessoal: os salários são baixos e seria necessária quantidade maior de pessoal especializado em produção cultural, em economia da cultura e no desenvolvimento de políticas culturais.

Neste sentido, a excelente e pequena equipe que comigo trabalhou elaborou uma proposta de reforma administrativa, já encaminhada ao Gabinete Civil para ser transformada em projeto de lei, visando adequar a estrutura funcional e humana da secretaria.

Sente-se a necessidade de planejamento e implementação de ações estruturantes a curto, médio e longo prazos. Durante a minha curta gestão promoveu-se a inserção de Goiânia no Sistema Nacional de Cultura, contratou-se um especialista em Políticas Culturais Contemporâneas, organizou-se a realização de duas conferências municipais de cultura, promoveu-se a eleição de novos Conselheiros para integrar o Conselho Municipal de Cultura e indicou-se uma Comissão de Análise de Projetos Culturais (CPC) constituída inteiramente por especialistas dos diversos segmentos artísticos.

Dois projetos de impacto para a cidade estão em fase de elaboração arquitetônica: a Casa de Vidro, que deverá ser um espaço multicultural marcante e eclético e a Estação Ferroviária, que se transformará em Estação das Artes através de verba já concedida pelo PAC Cidades Históricas.

Extremamente enriquecedor o contato com artistas das mais diversas áreas de atuação; geralmente são pessoas que se dedicam à Arte com convicção e a secretária, rodeada por limites financeiros e burocráticos, nem sempre pôde atender a contento reivindicações de muita qualidade.

Não foi fácil a experiência de ver subitamente interrompida a sequência das ações citadas, pois aceitei assumir a Secretaria Municipal de Cultura de Goiânia com a promessa de poder realizar uma gestão focada no estabelecimento de políticas culturais contemporâneas, ao largo de injunções político partidárias e, por incoerente que seja, fui afastada exatamente pelo oposto da promessa inicial, ou seja, pela necessidade de composições políticas.

Mas, sempre se espera o melhor para o futuro e, concordando com a orientação do Plano Nacional de Cultura, fica evidente a urgente necessidade de finalizar estudos, que vêm se realizando há várias gestões, para implantação de um Plano Municipal de Cultura que respeite dois enfoques: proporcionar acesso aos bens culturais e democratização da cultura e a cultura por todos e meios necessários para que desenvolvam suas próprias práticas culturais. Nestes dois enfoques não há dicotomia entre as culturas popular e erudita, considerando-se sua possível circularidade, manifesta nas diversas dinâmicas culturais em que estão inseridas.

\* Professora da Emac e secretária de Cultura de Goiânia de março 2013 a fevereiro 2014



# RESPINGOS

HFA

## Nova lei da carreira abre institutos a pesquisadores de empresas

A Lei 12.863/13 – que alterou a lei de reestruturação da carreira do magistério superior (12.772/12) e passou a vigorar em setembro de 2013 – permite aos Institutos Federais conceder bolsas de pesquisa, desenvolvimento, inovação e intercâmbio para pesquisadores externos ou de empresas, para além de alunos e docentes. Não sem antes regulamentação do Ministério da Educação. É um esforço de aproximação com a sociedade, mas que deve ser feito com cautela, privilegiando sempre a rede pública e seus pesquisadores.

### Doutores carentes

Também com a Lei 12.863/13, as universidades poderão substituir, em editais de concurso, a exigência de doutores por mestres, especialistas ou graduados. Só para locais com carência de doutores e, claro, com prévia autorização do conselho diretor da unidade.

### Classes mudam de nomenclatura

Chama atenção na mesma lei a mudança na denominação das classes, que passam a ser identificadas por letras e não mais por números. Como sempre na burocracia brasileira, é uma forma de complicar.

### Alerta

Sobre a entrevista com Maria Zaira Turchi em nossa última edição, o secretário da SBPC em Goiás, Reginaldo Nassar Ferreira, disse que “a cada dia a Fapeg mostra sua importância para o desenvolvimento científico do Estado”. Mas avisa: “A SBPC estará sempre alerta contra as ameaças de retrocesso”.

### Fim dos “quintos”

O TRF 1ª Região fixou, em janeiro de 2014, o trânsito em julgado da ação dos “quintos”. O processo beneficia filiados que exerceram cargos de direção e função gratificada na administração da UFG, de 8 de abril de 1998 a 4 de setembro de 2001.

### Começo dos “quintos”

Para receber as diferenças, os advogados da Adufg Sindicato ingressarão com ação ordinária de cobrança. O Departamento do Pessoal da UFG ainda faz o levantamento dos beneficiários, que também dependerão dos cálculos de cada caso isolado.

### Nova FE

Karine de Moraes e Mirian Bianca Ribeiro são as novas diretora e vice-diretora da Faculdade de Educação. Assumem no lugar de Miriam Fábria Alves e Maria Margarida Machado.

### Enfermagem

Na Faculdade de Enfermagem, Virgínia Brasil é a nova diretora e Ruth Minamisava, a vice-diretora. Assumem no lugar de Marcelo Medeiros e Ana Luiza Sousa.

### Fronteiras do Brasil

Extremamente importante que pesquisadores brasileiros conheçam os grandes centros europeus e americanos. Mas seria fundamental que conhecessem a realidade brasileira em suas contradições. As fronteiras permanecem.

### Adjuntos

O novo estatuto da UFG muda a denominação “assessor” de pró-reitor para “pró-reitor adjunto”. As funções são as mesmas: assessoramento direto e substituição legal do pró-reitor, em caso de ausência ou impedimento. Confira as principais mudanças na UFG, na entrevista com o reitor Orlando Amaral, nas páginas 12 e 13.

### Erramos

A primeira sede da Adufg foi na Faculdade de Medicina, e não no ICB, como publicamos por último. Ficou ali por dois anos. Só depois é que foi para Faculdade de Educação e finalmente para atual sede, na Vila Nova.

**Adufg**  
SINDICATO

17ª Diretoria Executiva  
Sindicato dos Docentes das  
Universidades Federais de Goiás

Rosana Maria Ribeiro Borges  
Presidente

José Wilson Nerys  
Vice-presidente

Elias Nazareno  
Diretor Secretário

Bartira Macedo  
Diretora Adjunta Secretária

Beneval Rosa  
Diretor Administrativo

Flávio Alves da Silva  
Diretor Adjunto Administrativo

Antônio César de Oliveira  
Diretor Financeiro

Lucilene Maria de Sousa  
Diretora Adjunta Financeira

Carlos Alberto Tanezini  
Diretor para Assuntos dos  
Aposentados e Pensionistas

Rui Yamada  
Diretor Adjunto para  
Assuntos dos Aposentados e  
Pensionistas

## Jornal do Professor

PUBLICAÇÃO DO SINDICATO  
DOS DOCENTES DAS  
UNIVERSIDADES  
FEDERAIS DE GOIÁS

ANO III - Nº 12  
JANEIRO/FEVEREIRO DE 2014  
Editor e idealizador do projeto  
Prof. Juarez Ferraz de Maia

Editora responsável  
Alessandra Faria (JP01031/GO)

Editor e repórter  
Macloys Aquino (FENAJ 02008/GO)

Projeto gráfico e diagramação  
Cleomar Nogueira

Repórter  
Frederico Oliveira

Publicação mensal

Tiragem  
3.000 exemplares

Impressão  
Flexgráfica

Contato  
jornaldoprofessor@adufg.org.br

9ª Avenida, 193, Leste Vila  
Nova - Goiânia - Goiás

Fone: (62) 3202-1280  
Produção e edição  
Assessoria de Comunicação  
da Adufg Sindicato

## A tragédia do vestibular



É lamentável que o vestibular continue gerando pequenas tragédias familiares e fazendo vítimas alguns jovens, já tão pressionados. É um dos motivos que dá dias contados ao processo seletivo. A faixa da foto, divulgada na internet, foi estendida no calçadão de uma praia, no início de 2014, pela família de uma vestibulanda de Alagoas.

### Hélio Furtado do Amaral

Professor aposentado. Na classificação autoritária do Siae: CLT. Excluído do universo dos docentes

# Aumento salarial em 1º de março

A segunda parcela do reajuste previsto em lei de 2012 entra em vigor. Confira as tabelas. O salário é a soma do VB com a RT, mais vantagens pessoais

Docentes terão reajuste salarial a partir de 1º de março. Trata-se da segunda parcela dos aumentos, em cumprimento à Lei 12.772. Aprovada em 2012, a lei prevê reajustes em 2013, 2014 e 2015, aplicados em março.

No total, os reajustes variam de 25% a 40%. O salário é a soma do vencimento básico (VB) com a retribuição por titulação (RT), mais as vantagens pessoais. Aposentados contam ainda com vantagens específicas, como adicional por tempo de serviço e outros.

O reajuste é efeito do acordo entre a Federação de Sindicatos de Professores de Instituições Federais de Ensino Superior (Proifes-Federação) e o governo federal, durante a greve da categoria em 2012.

As tabelas da direita foram montadas pelo Proifes-Federação e as de baixo foram copiadas da Lei 12.772.

## Reajuste Salarial – MARÇO DE 2014

### SOMA DO VENCIMENTO BÁSICO (VB) COM A RETRIBUIÇÃO POR TITULAÇÃO (RT)

Remunerações, Lei 12.772/2012							Regime de Trabalho - 40h, a partir de 01/03/2014						
Regime de Trabalho - 20h, a partir de 01/03/2014							Docentes das carreiras de ES e EBTT, 40h						
Docentes das carreiras de ES e EBTT, 20h							Docentes das carreiras de ES e EBTT, 40h						
Classe	Grad.	Aperf.	Espec.	Mest.	Dout.		Classe	Grad.	Aperf.	Espec.	Mest.	Dout.	
Titular	E	2.801,70	3.000,20	3.242,88	3.723,62	4.334,73	Titular	E	4.146,71	4.358,35	4.694,46	5.533,93	7.052,79
D4 4	D 4	2.708,47	2.905,67	3.145,27	3.520,66	4.059,64	D4 4	D 4	4.004,47	4.210,32	4.551,42	5.225,13	6.599,97
D4 3	D 3	2.662,87	2.858,37	3.078,67	3.433,70	3.889,74	D4 3	D 3	3.935,45	4.139,60	4.481,30	5.134,90	6.471,98
D4 2	D 2	2.618,31	2.812,41	3.023,57	3.375,34	3.776,27	D4 2	D 2	3.868,40	4.071,25	4.412,65	5.063,84	6.389,07
D4 1	D 1	2.588,51	2.781,22	2.989,74	3.335,50	3.733,94	D4 1	D 1	3.861,19	4.062,97	4.404,38	5.053,87	6.371,44
D3 4	C 4	2.357,53	2.544,58	2.587,38	2.924,50	3.388,02	D3 4	C 4	3.392,96	3.539,81	3.823,06	4.463,59	5.843,64
D3 3	C 3	2.326,77	2.501,89	2.546,15	2.856,26	3.329,24	D3 3	C 3	3.343,15	3.486,97	3.760,08	4.340,90	5.658,35
D3 2	C 2	2.296,57	2.464,09	2.504,24	2.809,84	3.264,70	D3 2	C 2	3.269,38	3.410,25	3.673,34	4.239,82	5.555,25
D3 1	C 1	2.193,83	2.276,12	2.391,31	2.691,15	3.110,96	D3 1	C 1	3.118,50	3.256,49	3.509,79	4.060,43	5.308,00
D2 2	B 2	2.093,40	2.167,83	2.277,16	2.580,95	2.971,22	D2 2	B 2	3.010,32	3.141,92	3.363,46	3.929,00	5.121,77
D2 1	B 1	2.069,79	2.143,37	2.243,01	2.527,53	2.893,33	D2 1	B 1	2.938,37	3.065,31	3.268,59	3.843,68	4.964,01
D1 2	A 2	1.999,75	2.072,34	2.161,10	2.443,03	2.802,35	D1 2	A 2	2.834,24	2.952,33	3.128,70	3.701,55	4.799,56
D1 1	A 1	1.966,67	2.036,49	2.119,02	2.394,74	2.752,60	D1 1	A 1	2.764,45	2.874,67	3.017,58	3.599,50	4.699,21

Regime de Trabalho - DE, a partir de 01/03/2014						
Docentes das carreiras de ES e EBTT, DE						
Classe	Grad.	Aperf.	Espec.	Mest.	Dout.	
Titular	E	6.363,17	7.201,63	7.790,29	9.656,57	15.956,07
D4 4	D 4	6.144,71	6.801,48	7.251,19	9.299,81	15.059,09
D4 3	D 3	6.038,15	6.691,57	7.117,51	9.192,40	14.537,51
D4 2	D 2	5.933,80	6.584,75	6.986,78	9.087,16	14.010,77
D4 1	D 1	5.923,92	6.487,70	6.921,59	9.075,17	13.604,50
D3 4	C 4	4.704,71	5.166,76	5.508,42	7.205,96	10.373,57
D3 3	C 3	4.629,98	5.068,27	5.401,12	7.033,17	10.060,53
D3 2	C 2	4.556,75	4.970,11	5.305,87	6.888,78	9.760,33
D3 1	C 1	4.484,99	4.886,08	5.201,90	6.746,87	9.536,86
D2 2	B 2	4.176,95	4.554,90	4.888,20	6.212,35	8.828,62
D2 1	B 1	4.111,05	4.486,98	4.770,75	6.131,30	8.740,03
D1 2	A 2	3.865,83	4.238,97	4.501,49	5.881,92	8.480,74
D1 1	A 1	3.804,29	4.155,78	4.412,51	5.736,27	8.344,64

Na Carreira do MS, as classes têm os nomes previstos na Lei 12.863/13: **Classe A** (níveis 1 e 2), a antiga classe de Auxiliar, com as denominações de Professor Auxiliar (para os graduados, aperfeiçoados e especialistas), de Professor Assistente A (para os mestres) e de Professor Adjunto A (para os doutores); **Classe B** (níveis 1 e 2) com denominação de Professor Assistente; **Classe C** (níveis 1 a 4), com denominação de Professor Adjunto; **Classe D** (níveis 1 a 4), com denominação de Professor Associado e **Classe E**, com denominação de Professor Titular.

## TABELAS SEPARADAS

### Vencimento Básico

CLASSE	DENOMINAÇÃO	NÍVEL	VENCIMENTO BÁSICO (VB) EM R\$		
			REGIME DE TRABALHO		
			20 HORAS	40 HORAS	DEDICAÇÃO EXCLUSIVA
E	Titular	1	2.801,70	4.146,71	6.363,17
D	Associado	4	2.708,47	4.004,47	6.144,71
		3	2.662,87	3.935,45	6.038,15
		2	2.618,31	3.868,40	5.933,80
		1	2.588,51	3.861,19	5.923,92
C	Adjunto	4	2.357,53	3.392,96	4.704,71
		3	2.326,77	3.343,15	4.629,98
		2	2.296,57	3.269,38	4.556,75
		1	2.193,83	3.118,50	4.484,99
B	Assistente	2	2.093,40	3.010,32	4.176,95
		1	2.069,79	2.938,37	4.111,05
A	Adjunto A - se Doutor Assistente A - se Mestre Auxiliar - se Graduado ou Especialista	2	1.999,75	2.834,24	3.865,83
		1	1.966,67	2.764,45	3.804,29

### Retribuição por titulação - Regime de 20 horas semanais

CLASSE	DENOMINAÇÃO	NÍVEL	RETRIBUIÇÃO POR TITULAÇÃO (RT) EM R\$			
			APERFEIÇOAMENTO	ESPECIALIZAÇÃO	MESTRADO	DOCTORADO
E	Titular	1	198,50	441,18	921,92	1.533,03
D	Associado	4	197,20	436,80	812,19	1.351,17
		3	195,50	415,80	770,83	1.226,87
		2	194,10	405,26	757,03	1.157,96
		1	192,71	401,23	746,99	1.145,43
C	Adjunto	4	187,05	229,85	566,97	1.030,49
		3	175,12	219,38	529,49	1.002,47
		2	167,52	207,67	513,27	968,13
		1	82,29	197,48	497,32	917,13
B	Assistente	2	74,43	183,76	487,55	877,82
		1	73,58	173,22	457,74	823,54
A	Adjunto A - se Doutor Assistente A - se Mestre Auxiliar - se Graduado ou Especialista	2	72,59	161,35	443,28	802,60
		1	69,82	152,35	428,07	785,93

### Retribuição por titulação - Regime de 40 horas semanais

CLASSE	DENOMINAÇÃO	NÍVEL	RETRIBUIÇÃO POR TITULAÇÃO (RT) EM R\$			
			APERFEIÇOAMENTO	ESPECIALIZAÇÃO	MESTRADO	DOCTORADO
E	Titular	1	211,64	547,75	1.387,22	2.906,08
D	Associado	4	205,85	546,95	1.220,66	2.595,50
		3	204,15	545,85	1.199,45	2.536,53
		2	202,85	544,25	1.195,44	2.520,67
		1	201,78	543,19	1.192,68	2.510,25
C	Adjunto	4	146,85	430,10	1.070,63	2.450,68
		3	143,82	416,93	997,75	2.315,20
		2	140,87	403,96	970,44	2.285,87
		1	137,99	391,29	941,93	2.189,50
B	Assistente	2	131,60	353,14	918,68	2.111,45
		1	126,94	330,22	905,31	2.025,64
A	Adjunto A - se Doutor Assistente A - se Mestre Auxiliar - se Graduado ou Especialista	2	118,09	294,46	867,31	1.965,32
		1	110,22	253,13	835,05	1.934,76

### Retribuição por titulação - Dedicção Exclusiva

CLASSE	DENOMINAÇÃO	NÍVEL	RETRIBUIÇÃO POR TITULAÇÃO (RT) EM R\$			
			APERFEIÇOAMENTO	ESPECIALIZAÇÃO	MESTRADO	DOCTORADO
E	Titular	1	838,46	1.427,12	3.293,40	9.592,90
D	Associado	4	656,77	1.106,48	3.155,10	8.914,38
		3	653,42	1.079,36	3.154,25	8.499,36
		2	650,95	1.052,98	3.153,36	8.076,97
		1	563,78	997,67	3.151,25	7.680,58
C	Adjunto	4	462,05	803,71	2.501,25	5.668,86
		3	438,29	771,14	2.403,19	5.430,55
		2	413,36	749,12	2.332,03	5.203,58
		1	401,09	716,91	2.261,88	5.051,87
B	Assistente	2	377,95	711,25	2.035,40	4.651,67
		1	375,93	659,70	2.020,25	4.628,98
A	Adjunto A - se Doutor Assistente A - se Mestre Auxiliar - se Graduado ou Especialista	2	373,14	635,66	2.016,09	4.614,91
		1	351,49	608,22	1.931,98	4.540,35

## Melhorias na sede campestre continuam

As melhorias na sede campestre da Adufg Sindicato não param. Após a inauguração dos novos quiosques, o rancho principal agora está em obras. Até abril será construída uma nova estrutura metálica para garantir mais conforto e segurança aos professores filiados e familiares.

O projeto prevê acessibilidade, interligando o novo espaço com as piscinas, além da construção de um novo salão de festas, salão de jogos, balcão externo com espaço para bar

e ampla cozinha. Mesmo com as obras, os nove quiosques continuam disponíveis para reservas (foram equipados com fogões de duas bocas).

A sede campestre também ganhou, em janeiro, novas mudas de pequi, guariroba, limão (*foto*) e mexerica, que foram plantadas para recuperar área degradada, objetivo do projeto de reflorestamento da atual Diretoria desde o início da gestão, em 2011, coordenado pelo professor Flávio Alves da Silva, Diretor Adjunto Administrativo.

Frederico Oliveira



Outra novidade na sede campestre são os peixes do lago. A pesca está liberada para os professores que deverão usar anzol apropriado e pescar peixes até 1kg, apenas para consumo no local.

### PRESTAÇÃO DE CONTAS - ADUFG SINDICATO - OUTUBRO/2013

<b>Prest. de Contas - Adufg Sindi. do mês 10.2013</b>	<b>Valor R\$</b>				
1.1- Contribuição Associados - Mensalidades	213.994,37	2.2.17- Agua e Esgoto	1.276,92	<b>3- Resultado do exercício 10.2013 (1-2)</b>	<b>-11.256,53</b>
1.2- Ingressos, Eventos e Festas	3.730,00	<b>Total R\$</b>	<b>23.738,73</b>		
1.3- Receita com Pró Labore Seguro de Vida	1.452,15	<b>2.3 - Despesas Gerais</b>		<b>4- Atividades de Investimentos</b>	
1.4- Receitas Financeiras Líquidas	0,00	2.3.1- Combustíveis e Lubrificantes	2.419,47	4.1.1- Construções e Edificações	11.972,69
1.5- Outras Receitas	0,00	2.3.2- Despesas com Coral	2.108,93	4.1.2- Máquinas e Equipamentos	0,00
<b>Total R\$</b>	<b>219.176,52</b>	2.3.3- Diária de Viagens	2.696,30	4.1.3- Veículos	0,00
2- Custos e Despesas Operacionais		2.3.4- Tarifas Bancárias	141,90	4.1.4- Móveis e Utensílios	4.250,00
2.1.1- Salários e Ordenados	26.281,56	2.3.5- Lanches e Refeições	574,89	4.1.5- Computadores e Periféricos	0,00
2.1.2- Encargos Sociais	32.542,88	2.3.6- Quintart	5.900,29	4.1.6- Outras Imobilizações	1.255,00
2.1.3- Seguro de Vida	292,98	2.3.7- Patrocínios e doações	700,00	<b>Total R\$</b>	<b>17.477,69</b>
2.1.4- Outras Despesas com Pessoal	120,00	2.3.8- Manutenção de Veículos	603,00	<b>4.2- Intangível</b>	
2.1.5- Ginastica Laboral	678,00	2.3.9- Festa/Reuniões e Greves	25.934,33	4.2.1- Programas de Computador 0,00	0,00
2.1.6- Repasse do empréstimo de funcionários	2.817,38	2.3.10- Passagens Aéreas e Terrestres	1.410,03	<b>Total R\$</b>	<b>0,00</b>
2.1.7- Férias e Rescisões	1.785,36	2.3.11- Gêneros de Alimentação e Copa	872,88	<b>Total Geral dos Investimentos R\$</b>	<b>17.477,69</b>
<b>Total R\$</b>	<b>64.518,16</b>	2.3.12- Despesas com a Sede Campestre	2.184,50	<b>5- Resultado Geral do exercício 10.2013 (3-4)</b>	<b>-28.734,22</b>
<b>2.2- Serviços Prestados por Terceiros</b>		2.3.13- Hospedagens Hotéis	464,00		
2.2.1- Cessão de Uso de Software	1.324,84	2.3.14- Material de expediente	333,13		
2.2.2- Despesas com Correios	317,43	2.3.15- Festa Final de ano e natalinas	9.200,00		
2.2.3- Energia Elétrica	1.432,42	2.3.16- Outras despesas diversas	3.990,08		
2.2.4- Honorários Advocatícios	5.985,00	2.3.17- Manutenção e Conservação	652,13		
2.2.5- Honorários Contábeis	2.034,00	2.3.18- Homenagens e Condecorações	330,00		
2.2.6- Locação de Equipamentos	450,00	2.3.19- Despesas com Sede Adm. Jataí	558,71		
2.2.7- Serviços Gráficos	3.400,00	2.3.20- Desp. com curso de inf. para aposentados	240,67		
2.2.8- Honorários de Auditoria	985,00	2.3.21- Despesas com construção Sede Campestre	56.653,91		
2.2.9- Tarifas Telefônicas e Internet	1.372,70	<b>Total R\$</b>	<b>117.969,15</b>		
2.2.10- Conf. de Faixas/Adesivos/ Banner	500,00	<b>2.4- Despesas Tributárias e Contribuições</b>			
2.2.11- Hospedagem e manutenção de site	220,00	2.4.1- PIS s/ Folha de Pagto.	539,49		
2.2.12- Vigilância e Segurança	233,70	2.4.2- CUT-Central Única dos Trabalhadores	2.962,05		
2.2.13- Comunicação/Rádio/TV/Jornal	1.000,00	2.4.3- Proifes-Fórum de Professores	19.234,78		
2.2.14- Honorários Jornalísticos	244,22	2.4.4- Outras Desp. Tribut. e Contribuições	1.470,69		
2.2.15- Serviços de Informática	1.200,00	<b>Total R\$</b>	<b>24.207,01</b>		
2.2.16- Outros Serviços de Terceiros	1.762,50	<b>Total Geral dos Custos e Desp. Operacionais R\$</b>	<b>230.433,05</b>		

Os valores contidos neste relatório estão por Regime de Caixa

Regime de caixa é o regime contábil que apropria as receitas e despesas no período de seu recebimento ou pagamento, respectivamente, independentemente do momento em que são realizadas.

### PRESTAÇÃO DE CONTAS - ADUFG SINDICATO - NOVEMBRO/2013

<b>Prestação de Contas - Adufg Sindi. do mês 11.2013</b>	<b>Valor R\$</b>				
<b>1- Arrecadação, Rendimentos Finan. e Outros</b>		2.2.12- Vigilância e Segurança 519,34	519,34	2.4.2- CUT-Central Única dos Trabalhadores	2.962,05
1.1- Contribuição Associados - Mensalidades	215.366,12	2.2.13- Comunicação/Rádio/TV/Jornal	2.800,00	2.4.3- Proifes-Fórum de Professores	19.257,79
1.2- Ingressos, Eventos e Festas	949,00	2.2.14- Honorários Jornalísticos	0,00	2.4.4- Outras Desp. Tribut. e Contribuições	1.000,01
1.3- Receita com Pró Labore Seguro de Vida	1.452,15	2.2.15- Serviços de Informática	1.200,00	<b>Total R\$</b>	<b>23.778,97</b>
1.4- Receitas Financeiras Líquidas	0,00	2.2.16- Outros Serviços de Terceiros	9.852,50	<b>Total Geral dos Custos e Desp. Operacionais R\$</b>	<b>263.986,17</b>
1.5- Outras Receitas	5.500,00	2.2.17- Agua e Esgoto	427,76	<b>3- Resultado do exercício 11.2013 (1-2)</b>	<b>19.281,10</b>
1.6- Resgate de aplicações financeiras	60.000,00	<b>Total R\$</b>	<b>34.293,73</b>	<b>4- Atividades de Investimentos</b>	
<b>Total R\$</b>	<b>283.267,27</b>	<b>2.3- Despesas Gerais</b>		<b>4.1- Imobilizado</b>	
<b>2-Custo e Despesas Operacionais</b>		2.3.1- Combustíveis e Lubrificantes	1.939,38	4.1.1- Construções e Edificações	13.148,59
<b>2.1-Despesas com Pessoal</b>		2.3.2- Despesas com Coral	1.019,68	4.1.2- Máquinas e Equipamento	0,00
2.1.1- Salários e Ordenados	33.993,36	2.3.3- Diária de Viagens	3.333,90	4.1.3- Veículos	0,00
2.1.2- Encargos Sociais	32.892,36	2.3.4- Tarifas Bancárias	209,28	4.1.4- Móveis e Utensílios	15.170,01
2.1.3- Seguro de Vida	292,98	2.3.5- Lanches e Refeições	795,01	4.1.5- Computadores e Periféricos	1.080,00
2.1.4- Outras Despesas com Pessoal	3.600,00	2.3.6- Quintart	8.289,57	4.1.6- Outras Imobilizações	7.954,50
2.1.5- Ginastica Laboral	678,00	2.3.7- Patrocínios e doações	3.256,00	<b>Total R\$</b>	<b>37.353,10</b>
2.1.6- Repasse do empréstimo de funcionários	1.067,09	2.3.8- Manutenção de Veículos	4.237,23	<b>4.2- Intangível</b>	
2.1.7- Férias, 13º salário e Rescisões	11.625,08	2.3.9- Festa/Reuniões e Greves	11.317,58	4.2.1- Programas de Computador	0,00
<b>Total R\$</b>	<b>84.148,87</b>	2.3.10- Passagens Aéreas e Terrestres	174,85	<b>Total R\$</b>	<b>0,00</b>
<b>2.2- Serviços Prestados por Terceiros</b>		2.3.11- Gêneros de Alimentação e Copa	751,76	<b>Total Geral dos Investimentos R\$</b>	<b>37.353,10</b>
2.2.1- Cessão de Uso de Software	1.324,84	2.3.12- Despesas com a Sede Campestre	2.653,17	<b>5- Resultado Geral do exercício 11.2013 (3-4)</b>	<b>-18.072,00</b>
2.2.2- Despesas com Correios	2.441,90	2.3.13- Hospedagens Hotéis	0,00		
2.2.3- Energia Elétrica	1.513,33	2.3.14- Material de expediente	340,05		
2.2.4- Honorários Advocatícios	5.677,50	2.3.15- Festa Final de ano e natalinas	31.679,60		
2.2.5- Honorários Contábeis	2.034,00	2.3.16- Outras despesas diversas	3.524,62		
2.2.6- Locação de Equipamentos	450,00	2.3.17- Manutenção e Conservação	1.371,35		
2.2.7- Serviços Gráficos	3.185,00	2.3.18- Homenagens e Condecorações	860,00		
2.2.8- Honorários de Auditoria	985,00	2.3.19- Despesas com Sede Adm. Jataí	272,87		
2.2.9- Tarifas Telefônicas e Internet	1.662,56	2.3.20- Desp. com curso de inf. para aposentados	0,00		
2.2.10- Conf. de Faixas/Adesivos/ Banner	0,00	2.3.21- Despesas com construção Sede Campestre	45.738,70		
2.2.11- Hospedagem e manutenção de site	220,00	<b>Total R\$</b>	<b>121.764,60</b>		
		<b>2.4- Despesas Tributárias e Contribuições</b>			
		2.4.1- PIS s/ Folha de Pagto.	559,12		

Os valores contidos neste relatório estão por Regime de Caixa.

Regime de caixa é o regime contábil que apropria as receitas e despesas no período de seu recebimento ou pagamento, respectivamente, independentemente do momento em que são realizadas.

# Aposentadoria superada

Após 20 anos longe da universidade, ex-docente da Escola de Engenharia é convidado por sua qualificação para participar de pesquisa de ponta no IFG

Desligado da Escola de Engenharia da UFG em 1994, Sinoeste Cardoso de Oliveira sentiu por 20 anos o ostracismo da aposentadoria. Apesar de toda carreira acadêmica dedicada ao estudo dos fenômenos da transferência de calor, dos oito livros publicados nos Estados Unidos sobre o assunto, de sua experiência.

Até que, no final de 2013, ele recebeu uma ligação. Era o professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG) Aylton José Alves, que acabara de aprovar financiamento do CNPq para um importante projeto de pesquisa. Aylton foi aluno de Sinoeste na UFG na década de 80. E ligou para convidá-lo a participar do projeto.

“Me senti como gente, como nunca me senti depois de aposentado”, diz Sinoeste, aos 71 anos. “Você nunca é procurado por nada, nunca é valorizado. Foram quase 20 anos de esquecimento”. Sinoeste lamenta que a universidade no Brasil – diferente dos EUA, onde pesquisou – não aproveite a experiência do professor aposentado.

Agora lhe falta tempo para lamentar. Nos últimos meses, Sinoeste está às voltas com livros de teoria. Reatualiza seus conhecimentos, pois topou o desafio e aceitou o convite do professor Aylton. Participará, junto com outros 11 professores, alunos de graduação (alguns com menos de 20 anos), mestrands e doutorandos – do IFG e de outras universidades – da pesquisa que desenvolve um gerador termoelétrico.

Geradores de eletricidade a diesel expelem gases a temperaturas que alcançam 500 °C, energia em forma de calor que acaba desperdiçada em até 50%. A pesquisa coordenada por Aylton quer aproveitar essa energia térmica e transformá-la em energia elétrica. Para tal, desenvolve um gerador termoelétrico que, instalado no gerador a diesel, fará a conversão.

“Não enferrujei nesse tempo”, garante Sinoeste. “O melhor professor são os livros”, diz. Ele é expert em Cálculo e sua missão na pesquisa é chegar na equação diferencial que vai corroborar uma simulação feita por computador sobre a



Sinoeste com o ex-aluno Aylton, no Laboratório de Máquinas Elétricas do IFG: “Me senti como gente, como nunca me senti depois de aposentado”



O mestrando Messias Anain, professor Eider Lúcio (IFG), professor Wesley Pacheco (IFG), Priscilla Juá (mestranda), Sinoeste, Aylton e o mestrando Pedro Gomes são parte da equipe da pesquisa

quantidade de calor (*joule*), dispensada no escapamento do motor, que pode ser aproveitada e transformada em energia elétrica (*watt*).

“Minhas expectativas (quanto aos resultados) são muito boas”, anuncia Sinoeste, que, embora seja o mais velho da equipe, avalia não ser o mais experiente. “Lá eu sou o novato. Não sei se vou dar conta, mas pretendo. Não fujo de desafios”, diz.

## Qualificação é o melhor caminho

“Não convidamos o professor Sinoeste porque ele é aposentado, mas porque é qualificado. É um privilégio tê-lo aqui, essa é uma bela oportunidade para ele e para todos nós”, diz o coordenador da pesquisa, o professor da Área Tecnológica do IFG, Aylton Alves. “Se está em plena performance intelectual, por que não?”, completa.

Ele cita exemplos de outros professores que, depois de aposentados, foram absorvidos pelo IFG ou por outras universidades brasileiras. Uma grande vantagem, acredita, é o aposentado ter tempo para se dedicar à pesquisa.

“Percebemos que não querem parar. O desejo de contribuir e perma-

Para ele, a universidade é muito política e pouco técnica. Por isso defende a implantação de um cadastro por área de conhecimento, inclusive de aposentados, para projetos de pesquisa. “O aposentado não está morto!”. Brada, mas pondera: “Claro que têm aqueles que não querem voltar ao trabalho, mas provavelmente muitos querem”.

necer ativo é maior do que, às vezes, situações de saúde. Quanto mais qualificados, maior a dificuldade em parar. É aquele sentimento: ‘me preparei tanto e ficarei assistindo televisão o dia inteiro?’ A nossa experiência tem sido muito boa (com professores aposentados)”, afirma.

“Tenho 50 anos e vejo amigos em fim de carreira. Sempre digo que o caminho é a qualificação. É o que abre portas. Se tiver interesse em produzir, consegue furar as restrições da lei (aposentadoria compulsória). Pode se tornar professor efetivo, colaborador”, defende. “Hoje eu vejo isso como uma perspectiva de futuro pra mim, quando me aposentar”.

“Percebemos que (aposentados) não querem parar. O desejo de contribuir e permanecer ativo é maior do que, às vezes, situações de saúde. Quanto mais qualificados, maior a dificuldade em parar. É aquele sentimento: ‘me preparei tanto e ficarei assistindo televisão o dia inteiro?’”

# Ciência da simplicidade

Vindo da USP, Wendell Coltro chegou à UFG há cinco anos e hoje está à frente de um dos grupos com maior atuação no País na área focada exclusivamente em Microfluídica e que desenvolve tecnologias de ponta com materiais alternativos e de baixíssimo custo.

Vencedor do Prêmio Finep de Inovação 2013, o Grupo de Métodos Eletroforéticos, coordenado pelo professor, faz pesquisa com alto potencial para gerar produtos e divisas, o que tem chamado atenção de outras áreas da ciência e da indústria brasileira.

Entrevistado pela colega do Instituto de Química (IQ) Cecília Maria Alves de Oliveira, Wendell fala da aplicação da Microfluídica para dispositivos de diagnóstico instantâneo para várias doenças.

**Cecília Maria Alves de Oliveira – Qual sua principal linha de pesquisa?**

**Wendell Karlos Tomazelli Coltro** – O Grupo de Métodos Eletroforéticos desenvolve instrumentação que utiliza a Microfluídica em ensaios destinados a diagnósticos clínicos. A Microfluídica é uma ciência nova, que se refere ao manuseio de volumes da ordem de nano e pico litros para promover reações químicas, separações analíticas, ensaios de diagnósticos, monitoramento de espécies ambientalmente relevantes, dentre outras aplicações.

**Cecília – O Grupo de Métodos Eletroforéticos, do qual você é o coordenador, recebeu o prêmio Finep de Inovação 2013, Região Centro-Oeste. Qual a importância do prêmio para o grupo e para UFG?**

**Wendell** – O prêmio, na categoria Instituições de Ciência e Tecnologia, é fruto de um trabalho colaborativo desenvolvido por um grupo de 15 alunos de mestrado, doutorado e iniciação científica, que tem trabalhado arduamente buscando simplicidade instrumental, facilidade de manuseio e de operação, além de instrumentação de custo quase zero. O principal foco da pesquisa é o desenvolvimento de microchips para serem usados em diagnósticos clínicos que podem possibilitar ao próprio paciente coletar uma amostra de urina, por exemplo, e fazer uma análise, sem a necessidade da presença de um enfermeiro. Acredito que o conjunto de fatores incluindo a simplicidade, o baixo custo e, principalmente, a viabilidade clínica foi determinante para a conquista do prêmio. Para a UFG, essa inovação mostra que a instituição está entre as maiores do País, contribuindo para o desenvolvimento científico e tecnológico.

## QUEM É QUEM

### WENDELL COLTRO

Graduado em Química pela Universidade Estadual de Maringá (UEM); mestre, doutor e pós-doutor em Química Analítica pela USP; professor do IQ (UFG).

### CECÍLIA ALVES

Professora e coordenadora do programa de pós-graduação em Química do IQ (UFG), pesquisadora nível 2 do CNPq, integra equipe de implantação do CRTI.

Maclays Aquino



Wendell segura troféu do Prêmio Finep de Inovação ao lado da professora Cecília, no corredor do IQ: desenvolvimento de tecnologia barata e com uso de materiais alternativos

**Cecília – Como são fabricados os microchips?**

**Wendell** – Desenvolvemos tecnologias extremamente rápidas para produzir dispositivos com materiais simples e baratos. Usamos materiais como transparência (filme de poliéster), papel e toner (de impressora), capazes de permitir que a amostra migre pelo dispositivo sem a necessidade de nenhum equipamento externo, como bombas ou fontes de alta tensão, por exemplo. Os microchips podem ser fabricados com o uso de um carimbo ou impressora a laser. O transporte da solução em microcanais sob a ação da força capilar, associado ao desenvolvimento de cor em regiões específicas do microchip, possibilita o uso dessas plataformas no ponto de necessidade, devido à portabilidade garantida pela miniaturização. A imagem, após reações colorimétricas, pode ser capturada pelo paciente com uma câmera de celular, por exemplo, e facilmente transmitida a um médico.

**Cecília – O grupo desenvolve chips para diagnosticar quais doenças?**

**Wendell** – Na área clínica, atuamos em duas frentes. A primeira está relacionada com diagnóstico de doenças tropicais, numa parceria que envolve o grupo da professora Lucimeire Antonelli, do IPTSP, onde buscamos o desenvolvimento de dispositivos descartáveis com capacidade de realizar até 96 análises simultâneas. A ideia é fazer um instrumento para o diagnóstico de várias doenças tropicais como dengue, malária, chagas, tuberculose, leishmaniose, dentre outras. O que já existe de concreto é um protótipo para o diagnóstico de dengue com biomarcadores primários e secundários, com custo de análise inferior a R\$ 0,01. Além das do-

enças tropicais, trabalhamos com diagnósticos de rotina. Convencionalmente, hoje nos laboratórios, é necessário coletar uma amostra de sangue (da ordem de mililitros), que depois é processado para separar o plasma ou soro, e a partir do fluido biológico é feito cada ensaio individualmente por técnicas espectroscópicas. Com auxílio da Microfluídica, temos condições de, com um único dispositivo, fazer vários ensaios simultâneos com uma gota (da ordem de microlitros) de amostra apenas. Atualmente, nosso grupo já consegue conduzir ensaios para glicose, colesterol, triglicérides, proteínas totais, albumina sérica, nitrito, lactato e ácido úrico.

**Cecília – A Microfluídica figura entre as dez tecnologias com maior potencial para gerar produtos e divisas. Além dos diagnósticos clínicos, que outras tecnologias podem ser desenvolvidas utilizando a Microfluídica ou a Nanofluídica?**

**Wendell** – A Microfluídica é de fato uma das ferramentas mais poderosas para gerar novos produtos. No Brasil ainda estamos num estágio precoce, onde algumas empresas estão começando a se estruturar a partir de programas de incubação nas universidades. Mas é uma área interdisciplinar, não restrita à Química. A área clínica é apenas uma das possibilidades. Podemos trabalhar nas áreas ambiental, biológica, farmacêutica, alimentícia e também na agricultura. Há ainda a possibilidade de uso dos dispositivos para promover sequenciamento genético, testes de paternidade, ensaios rápidos voltados para agricultura dentre outros. A Microfluídica pode ser aplicada em todas as áreas da ciência devido a interdisciplinaridade.



Em pé, Pâmela, Gerson Duarte, Roger, professor Wendell, Paulo de Tarso, Thiago Miguel e Karoliny Almeida; sentados, Camilla, Eulício e Fabrício. São parte do Grupo de Métodos Eletroforéticos do IQ-UFG

**Cecília – Existe interesse do setor privado pelos dispositivos para diagnósticos, desenvolvidos pelo grupo da UFG?**

**Wendell** – Sim. Temos contatos preliminares com laboratórios de análises clínicas, visando o uso desses dispositivos. No contexto regional, por exemplo, algumas cidades goianas não têm laboratórios clínicos. Então, é necessário que um agente de saúde ou funcionário de um laboratório de Goiânia se desloque para o interior para coletar amostras e trazê-las para serem analisadas em Goiânia. Esse procedimento pode levar a resultados imprecisos devido ao longo tempo de estoque das amostras. Com o diagnóstico realizado no ponto de necessidade o médico tem acesso ao estado clínico do paciente num intervalo de tempo menor. Além disso, já estamos há três meses com uma parceria, desenvolvendo aplicações de interesse da Petrobras.

**Cecília – Qual é o custo da pesquisa na área de Microfluídica?**

**Wendell** – O custo do material que

desenvolvemos talvez seja o que faz com que os alunos se apaixonem pela área. Encontramos dificuldades para fazer estimativas, porque o custo é realmente muito baixo. Em alguns casos, acabamos superfaturando para chegar a valores mensuráveis. Hoje temos dispositivos microfluídicos com custo inferior a um R\$ 0,01, como por exemplo, os dispositivos de papel. Os dispositivos de toner, dependendo da configuração, das dimensões e, número de camadas podem apresentar um custo final entre R\$ 0,05 e R\$ 0,20. É um custo super reduzido, que quando comparado a sistemas convencionais, às vezes da ordem de U\$ 3 mil, R\$ 5 mil, ganha muito destaque. Além disso, hoje conseguimos fazer centenas de microchips em torno de dez minutos. Esses fatores podem ser decisivos para inserção no mercado nacional e internacional.

**Cecília – O que tem sido para você desenvolver essas pesquisas em uma universidade em Goiás? Quais as principais fontes e financiamento e o que é**

**necessário para o avanço da pesquisa?**

**Wendell** – Em abril de 2014 vou completar cinco anos na UFG e está sendo uma surpresa positiva desenvolver pesquisa numa universidade no Centro-Oeste. Quando vim de São Paulo, confesso que não sabia o que poderia esperar. E tendo sempre como estímulo a busca por materiais e tecnologias alternativas, conseguimos consolidar um grupo, hoje talvez um dos grupos focados integralmente em Microfluídica com maior atuação no País. Isso tem chamado atenção das agências de fomento. Vou destacar a Fapeg e o CNPq, que tem dado apoio substancial para os nossos projetos de pesquisa. Agora, precisaremos de melhorias na infraestrutura, o que já está sendo direcionado com o investimento do Prêmio Finep e também com apoio do IQ e da UFG.

**Cecília – O grupo possui colaborações com outros grupos do Brasil através do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT de Bioanalítica). Além dessas colaborações, o grupo possui alguma colaboração internacional? Quais são os interesses comuns desses grupos?**

**Wendell** – Dentro do INCT de Bioanalítica existe uma forte interação com grupos renomados, como o do professor Lauro Kubota, da Unicamp, do professor Emanuel Carrilho, da USP, e alguns outros grupos bastante destacados na área instrumental, como o do professor José Alberto Fracassi da Silva e o do professor Dosil Pereira de Jesus (ambos da Unicamp), do professor Claudimir Lucio do Lago (USP). Todo este time tem atuado com um único foco: fazer com que a instrumentação analítica, via aplicações microfluídicas, possa de alguma maneira inserir produtos no mercado que possam ser úteis à sociedade de modo bastante objetivo. Do ponto de vista internacional, temos algumas colaborações com a Universidade do Texas em San Antonio, a Universidade do Kansas, também nos EUA, a Universidade de Sidney, na Austrália.

“ Encontramos dificuldades para fazer estimativa de custo, porque realmente é muito baixo. Em alguns casos, acabamos superfaturando para chegar a valores mensuráveis. Hoje temos dispositivos microfluídicos com custo inferior a R\$ 0,01, os dispositivos de papel, por exemplo ”

**Cecília – Quais são seus conselhos para os estudantes de graduação que queiram seguir a carreira científica?**

**Wendell** – É que não fiquem presos apenas a uma área da ciência. Dentro da Química, há divisão convencional entre Química Analítica, Físico-Química, Química Inorgânica e Química Orgânica, além do ensino. Precisamos é de integração. Hoje, para trabalhar com Microfluídica, não precisa ser um químico analítico. Às vezes, não precisa nem ser químico. Então, quanto mais completa a formação, maior a chance de ingresso no mercado. A Microfluídica proporciona essa inserção, uma vez que a gente precisa de biomédicos, engenheiros, biólogos, médicos, etc. Meu conselho é para que tentem ao máximo absorver um pouco de tudo, nunca muito sobre pouco.



Microchips para diagnósticos de doenças tropicais impressos em papel: cores surgem a partir do contato com amostra para indicar situação de pacientes

## ANTROPOLOGIA

# Karajá é destaque cultural

Pesquisadores do Museu Antropológico da UFG são homenageados pelo Conselho Estadual de Cultura

Autores da pesquisa “Bonecas Karajá: arte, memória e identidade indígena no Araguaia”, do Museu Antropológico da UFG, foram homenageados pelo Conselho Estadual de Cultura (CEC) com o Diploma de Destaque Cultural. Receberam a condecoração o professor Manuel Ferreira Lima Filho; a então diretora do museu, Nei Clara de Lima; a coordenadora de Antropologia, Rosani Moreira Leitão; a professora Telma Cargomo da Silva e Maíra Torres Corrêa, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan-GO).

A pesquisa descreve e documenta informações etnográficas sobre o povo Karajá, com foco na produção das bonecas *ritxoko*, feitas em cerâmica. Mais que artesanato, as *ritxoko* – usadas na educação de gerações mais jovens – carregam significados que remetem aos referenciais culturais e identitários Karajá. O trabalho revelou informações que permitiram o registro da boneca como patrimônio cultural imaterial brasileiro, concedido em 2012 pelo Iphan.

Para Manuel Lima Filho, o trabalho possibilita o acesso dos Karajá à cidadania patrimonial, conceito trabalhado pelo professor em sua pesquisa, que entende a possibilidade de diálogo intercultural com a nossa sociedade, promovendo a cidadania em pleno sentido. “É valorizar os Karajá enquanto grupo indígena importante na construção da identidade brasileira, em específico a de Goiás, por conta da simbologia do rio Araguaia. Não há como pensar Goiás e Goiânia sem pensar nos grupos indígenas, em especial os Karajá.

Esse grupo tem uma importância ímpar”, diz. O projeto foi desenvolvido em parceria com as comunidades indígenas Karajá da ilha do Bananal (TO) e de Aruanã (GO).

A cerimônia de entrega do diploma – no dia 12 de fevereiro passado, com a presença de autoridades estaduais no Palácio das Esmeraldas – ocorreu juntamente à entrega do Troféu Jaburu a figuras da cultura goiana. O troféu homenageia e reconhece o mérito de personalidades e instituições de destaque no meio cultural em Goiás.

Macloys Aquino



Então diretora do Museu Antropológico, Nei Clara de Lima, com exemplares de bonecos ritxoko: Estado reconhece valor da pesquisa com os Karajá

## CATALÃO

## Comissão de saúde atua entre servidores

Ações para a saúde do servidor estão previstas na Constituição Federal, na Lei 8.112/1990 e em portarias do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Por isso, a direção do Câmpus Catalão iniciou os processos de implantação de Comissão Interna de Saúde do Servidor Público (CISSP). As inscrições de servidores que se interessavam em participar do quadro da comissão foram realizadas no último mês de janeiro.

A comissão deve promover ações de humanização do trabalho, prevenção de acidentes, dentre outras atividades. Estão previstas reuniões ordinárias mensais e, em caso de acidente de trabalho grave, ou denúncia de situação de risco, a CISSP reúne-se extraordinariamente. Composto de três a dez membros, o grupo elege entre si o presidente e o substituto da comissão.

## JATAÍ

## Aulas do curso de Medicina em agosto

Jataí se prepara para o curso de Medicina, que deve abrir 30 vagas no próximo vestibular. As aulas devem iniciar em 11 de agosto. A princípio, os alunos terão aulas teóricas no Câmpus Riachuelo, enquanto determinadas disciplinas práticas serão realizadas na Cidade Universitária. Reformas e obras de ampliação estão em andamento para receber o curso.

Seis professores já foram aprovados em concurso, e mais sete devem ser selecionados em concursos que serão realizados em março. Já são quatro médicos empossados, assim como uma psicóloga, uma docente de Anatomia e assistente social. O prédio da graduação em Medicina na cidade já foi licitado e o início das obras está agendado para março. O novo edifício ficará localizado na Cidade Universitária.

# Pesquisa dará base à cadeia produtiva do bambu em Goiás



Robson Geraldine (diretor da Escola de Agronomia), Nadinho (produtor de espetos de bambu), José Melo (assessor do deputado estadual Francisco Junior), Francisco de Almeida (engenheiro agrônomo), Luiz Fernando Pimenta (presidente da Aeago), professor Rogério Almeida e Sérgio Carvalho (Sebrae)

## Luta para difundir cultura

A Lei de Incentivo ao Bambu, ou Lei do Bambu (12.484/2011), sancionada em 2011, passa a tratar a planta como produto agrícola no Brasil, e prevê linhas de financiamento e assistência técnica, fornecidas pelo governo a produtores familiares. Mas os Estados precisam aprovar suas próprias leis (Goiás ainda não dispõe). O maior entrave é a lenta difusão da cultura: como não se trata de cultivo tradicional, escolas de agronomia e de engenharia florestal não estão preparadas para formar técnicos. A iniciativa da Rede Bambu Goiás visa inverter essa lógica. O professor Rogério Almeida deve ofertar a disciplina "Cultura do bambu" já no segundo semestre, como núcleo livre, na UFG.

## O bambu no Brasil

O País possui a maior diversidade de bambu das Américas, com cerca de 200 espécies catalogadas, e tem três grandes reservas de bambus nativos nas seguintes regiões:

- Acre (a maior do mundo)
- Pantanal (MS)
- São Paulo (Vale do Ribeira)

Fonte: Embrapa e Associação Catarinense do Bambu

Broto de bambu gigante: com mais de cinco mil usos catalogados, a planta também é utilizada na alimentação



Aprovado pelo CNPq, projeto coordenado por professor da Escola de Agronomia é referência no estudo da planta

Utilizado na construção civil, na fabricação de álcool, papel, tecido, carvão ativado, fonte de energia, artesanato e móveis, principalmente na Europa e China, o bambu ainda não tem uma cultura de cultivo comercial em Goiás, Estado altamente propício à sua produção.

A pesquisa científica também carece de incentivos. Neste sentido, se destacam os esforços do professor Rogério de Araújo Almeida, da Escola de Agronomia da UFG.

Ele coordena a Rede Bambu Goiás, e, em parceria com outros pesquisadores e entidades, aprovou projeto junto ao CNPq projeto que estrutura uma ampla rede de pesquisa e desenvolvimento da cultura do bambu.

Participam do grupo pesquisadores da UFG, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Uni-Anhanguera, PUC-GO, Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (Crea-GO), Associação dos Engenheiros Agrônomos de Goiás (Aeago), Sebrae, Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg), além de empresários e produtores rurais.

Ao todo, são seis projetos de pesquisa que pretendem dar as condições necessárias ao início da cadeia produtiva do bambu em Goiás, abrangendo taxonomia, produção de mudas *in vitro*, produção de mudas em viveiro, difusão do cultivo de bambu a agricultores familiares, estudo do potencial alimentício e uso energético do bambu.

"Goiás precisa fazer isso (estruturar a rede de pesquisa sobre o bambu) para não ficar para trás", vislumbra Rogério Almeida, coordenador da Rede Bambu Goiás.

"Quando o CNPq se propõe a financiar um projeto desse no Brasil inteiro é sinal de que o meio científico está interessado. E Goiás tem condições muito favoráveis à exploração", diz, citando a Lei do Bambu (veja quadro).

## VANTAGENS

O bambu apresenta vantagens em relação a outras madeiras: uma vez plantado, não necessita de replantio, como é o caso do eucalipto, que precisa ser repostado após cada corte. Além disso, o bambu é mais resistente à abrasão. "São mais de cinco mil usos conhecidos e catalogados da planta", lembra.

Grande parte dos utensílios de bambu consumidos hoje em Goiás é fabricada na China. Em Goiânia, o maior uso é como espeto para churrasquinho. "As pessoas não conhecem o bambu. Conhecem uma vara de pescar, um móvel, mas não tem dimensão do que é a planta", diz Rogério.

O projeto Rede Bambu Goiás foi lançado no último dia 15 de fevereiro, com uma visita técnica na unidade demonstrativa do Banco Florestal, em Araçu, Goiás. No evento, 60 pessoas – dentre produtores rurais, estudantes e profissionais da área agrônoma – foram apresentadas ao bambu gigante e aos benefícios de seu plantio.

Atualmente, apenas a Embraverde, em Caldas Novas, e o Banco Florestal possuem unidades demonstrativas da cultura da planta no Estado.

# Novo estatuto dá mais

O extraordinário crescimento da UFG nos últimos anos e a necessidade de ampliar a representação dos dirigentes dos campus do interior nos conselhos superiores motivaram a elaboração do novo estatuto da universidade.

Aprovado no dia 23 de janeiro e publicado no *Diário Oficial da União* no dia 24 de janeiro último, o documento é pioneiro na iniciativa de criar condições para mais autonomia administrativa e acadêmica

no contexto da universidade multicampus.

Se a expansão é uma tendência das instituições federais de ensino superior (Ifes) brasileiras como um todo, o novo estatuto da UFG pode servir de modelo a outras universidades do País, para suprir novas necessidades administrativas. O reitor Orlando Amaral assume o comando da universidade já com o desafio de implementar a série de mudanças na constituição dos órgãos colegiados. O prazo para vigência das novas regras é 90 dias, prorrogáveis por mais 90.

“Foi um processo longo e muito rico”, diz Orlando, referindo-se aos dois anos de discussões, conduzidas por uma comissão instituída pelo Consuni, que envolveu representantes de todos os campus, centenas de docentes, técnico-administrativos e estudantes.

Em entrevista ao **Jornal do Professor**, o reitor detalha as principais mudanças na organização da UFG daqui para frente. O estatuto está disponível no site da UFG.



Reitor Orlando Afonso do Amaral, em seu gabinete: necessidade de mudança veio com crescimento dos campus no interior

## Jornal do Professor – Que mudança é fundamental com o novo estatuto da UFG?

**Orlando Afonso do Amaral** – Principalmente a constituição dos órgãos colegiados da universidade. A universidade se expandiu muito nos últimos anos, em Goiânia e em todos os campus, Catalão, Jataí, Cidade de Goiás. Observamos que a participação dos campus nos órgãos colegiados, que tomam as principais decisões da universidade, não era condizente ao tamanho dos campus. Hoje os campus Catalão e sobretudo o Jataí tem dimensões de algumas pequenas universidades brasileiras. E eram representados no Consuni apenas pelo diretor. Os campus têm importância acadêmica e administrativa que extrapola a representação prevista anteriormente. Além disso,

vários assuntos são de competência decisória do campus, não precisariam necessariamente vir a uma instância superior da universidade. Então o estatuto torna essa representação proporcional à importância desses campus na universidade como um todo, sendo que alguns assuntos terão seu processo decisório finalizado no próprio campus, sem necessidade de ir para o Consuni.

## JP – Haverá mais autonomia?

**Orlando** – Significa maior autonomia para os campus. É claro que alguns temas

originários nos campus, mas que digam respeito a toda universidade, obrigatoriamente virão a conselhos superiores. Mas assuntos mais específicos ficarão na alçada decisória do campus.

## JP – O que são as regionais?

**Orlando** – São uma ampliação do conceito de campus, que temos hoje. A Regional Jataí, por exemplo, compreende os campus Riachuelo e Jatobá. Se no futuro, na região de Jataí, for aberto um novo campus, ele ficará na Regional Jataí, da mesma forma como em Catalão, Cidade de Goiás ou Goiânia. Agora, por exemplo, vamos inaugurar um novo campus em Aparecida de Goiânia (com vestibular previsto já para o segundo semestre de 2014, para o curso de Geologia). Fará parte da Regional Goiânia.

## JP – O novo estatuto foi baseado em outra universidade?

**Orlando** – Diria que essa ideia é original daqui e é uma ideia bastante avançada. É a antecipação de uma situação que vivemos em Goiás, mas imagino que em quase todas as universidades do Brasil, que se tornaram universidades multicampus. Não tenho notícia de outra universidade que tenha se antecipado como fizemos aqui. Tenho absoluta certeza de que a nossa iniciativa servirá de exemplo de organização para outras universidades. Porque é inevitável. Como administrar uma universidade que está espalhada, sem institucionalizar a fragmentação? É preciso dar organicidade à universidade multicampus. Com os estatutos vigentes, essa situação não está bem caracterizada.

## JP – Como será o processo de representação das unidades nos conselhos?

**Orlando** – Cada regional criará um novo conselho, chamado Conselho Gestor, que no âmbito da regional fará o

“ O novo estatuto torna a representação proporcional à importância dos campus na universidade como um todo. Alguns assuntos terão seu processo decisório finalizado no próprio campus, sem necessidade de ir para o Consuni ”

# autonomia aos campus

papel que faz hoje o Consuni. Essa é uma instância nova. A partir da representação dos conselhos é que se formará o Consuni. Da mesma forma, cada regional definirá suas câmaras de Pesquisa e Pós-Graduação, de Graduação, e de Extensão e Cultura. Criaremos as câmaras superiores de Graduação, de Pesquisa e Pós-Graduação, e de Extensão e Cultura, que continuam em Goiânia e serão formadas por representações das câmaras setoriais. Esse novo Consuni e as câmaras superiores terão outra periodicidade. As reuniões dos conselhos superiores e das câmaras hoje são mensais. As setoriais continuarão tendo periodicidade mensal, mas as câmaras superiores e o Consuni terão periodicidade de três meses.

**JP – Então o Consuni vai se reunir menos.**

**Orlando** – Sim, porque várias pautas serão esgotadas nos conselhos gestores. O Conselho Gestor de Goiânia, por exemplo, será formado basicamente pelos diretores das unidades acadêmicas do Câmpus Goiânia. Todos diretores de unidades acadêmicas participarão do Conselho Gestor. Nas regionais, terão que definir primeiro a estrutura organizacional – se será com base nas unidades acadêmicas, como em Goiânia, ou na forma de centros, congregando diversas unidades – para constituir seu Conselho Gestor.

**JP – Nem todo diretor terá cadeira no Consuni?**

**Orlando** – Serão trinta diretores, para todas as regionais. Fazendo a participação entre as várias regionais, Goiânia terá 22 diretores indicados para o Consuni. Mas temos mais unidades que 22, então nem todo diretor de unidade acadêmica de Goiânia fará parte do Consuni.

**JP – Como será esse processo entre os diretores?**

**Orlando** – Será feita a escolha por grandes áreas do conhecimento e está previsto no estatuto que haja rodízio entre os diretores.

**JP – Cada área do conhecimento terá número específico de representantes?**

**Orlando** – Vai depender de quantos cursos há em cada área do conhecimento. Esse é o critério. Por exemplo, para Ciências Humanas, Ciências Exatas e da Terra. São várias unidades dentro de cada área. Então num determinado momento, pode ser que o diretor da Engenharia Civil seja o representante no Consuni, num outro momento, o da Elétrica, com rodízio dentro das unidades que compõem a área de Ciências Exatas.

“ Como administrar uma universidade que está espalhada, sem institucionalizar a fragmentação? É preciso dar organicidade à universidade multicampus. Com os estatutos vigentes (no Brasil) essa situação não está caracterizada ”

mudanças, constituição de novos conselhos, câmaras, definição de representantes, eleições. Caso esse prazo não seja suficiente, prorrogaremos por mais 90 dias.

**JP – Em relação à autonomia orçamentária, que mudanças o novo estatuto traz aos campus?**

**Orlando** – Essa descentralização já havia sido feita antes da aprovação do novo estatuto. Desde 2010, já temos um modelo que distribui o orçamento da universidade entre os campus. A Pró-Reitoria de Administração e Finanças (dirigida por Orlando nos últimos anos) já tinha se antecipado ao novo estatuto e feito essa descentralização. Então, já de alguns anos, os campus tem autonomia financeira para fazer a gestão dos seus recursos, definindo prioridades, investimentos. Isso já estava consagrado por resoluções do Consuni.

**JP – Com o novo estatuto, podemos falar em ‘desburocratização’ dos processos de pesquisa, especificamente?**

**Orlando** – A desburocratização depende de uma série de outras normatizações, que muitas vezes extrapolam a autonomia universitária. A Lei de Licitações (8.666), por exemplo, de 1993, não atende adequadamente os anseios da administração e os anseios da comunidade acadêmica. Coloca uma série de exigências, prazos e normas, que tornam difícil a gestão universitária e a vida dos pesquisadores, professores, da comunidade de maneira geral. É uma lei federal que deve ser mudada, para que as universidades sejam reconhecidas como diferenciadas do restante da ad-

**JP – Esse processo de escolha ocorre então dentro do conselho da regional?**

**Orlando** – Sim, cada regional fará essa definição e indicará representantes do Conselho Gestor para o Conselho Universitário.

**JP – Quando as mudanças serão implementadas?**

**Orlando** – Dada a complexidade e as grandes mudanças no novo estatuto, seria inviável implementar de imediato. Baseado numa regra transitória, prevista no estatuto aprovado, haverá prazo de 90 dias para todas essas

ministração pública. Compramos não apenas material de expediente, mas, por exemplo, reagentes fundamentais para que uma pesquisa seja concluída no prazo adequado, para que uma tese seja defendida no prazo. A Lei de Licitações não prevê esse tipo de coisa. Mas existe uma série de outras leis que precisariam ser mudadas para que conseguíssemos desburocratizar a vida do gestor, do pesquisador, do professor e do estudante.

**JP – Como será sua participação na Andifes?**

**Orlando** – Muitas dessas questões que extrapolam o âmbito da universidade serão debatidas lá. Eu tenho todo interesse em debater e participar da discussão de um novo marco regulatório para as universidades. A Andifes já está fazendo isso, iniciou a discussão de uma lei orgânica das universidades, baseada no Artigo 207 da Constituição Federal, da autonomia universitária. Então os reitores estão trabalhando numa proposta de lei orgânica das universidades. A proposta já foi enviada ao MEC e, se aprovada, será encaminhada ao Congresso. Caso tudo isso aconteça da maneira proposta pela Andifes, não tenho dúvidas de que várias dessas questões relativas a melhoria da gestão, modernização, desburocratização, serão mais bem resolvidas.

“ Desde 2010, já temos um modelo que distribui o orçamento da universidade entre os campus. A Pró-Reitoria de Administração e Finanças já tinha se antecipado ao novo estatuto e feito essa descentralização. Então, já de alguns anos, os campus tem autonomia financeira para fazer a gestão dos seus recursos ”

## O QUE MUDA

**Órgãos colegiados**  
Campus do interior serão compreendidos em regionais. Cada Regional terá câmaras setoriais e autonomia para realizar o Conselho Gestor, espécie de Consuni setorial.

### Consuni

O Consuni e as câmaras superiores passam a se reunir de três em três meses. As câmaras setoriais e os conselhos gestores é que assumem a periodicidade mensal.

### Rodízio

Todo diretor de unidade participa do Conselho Gestor, mas nem todos tem assento garantido no Consuni. Haverá escolha por área do conhecimento e rodízio entre diretores.

### Vigência

O novo estatuto tem 90 dias, prorrogáveis por mais 90 dias – a contar da publicação do DOU – para valer. Enquanto isso, valem regras tanto do estatuto anterior quanto do novo.

# Insurgência que transforma

Artigo de professores da FE, sobre o potencial criativo de movimentos radicais de resistência à ditadura militar no Brasil, vence prêmio do Conselho Federal de Psicologia

Professores da Faculdade de Educação, Domenico Uhng Hur e Fernando Lacerda Júnior venceram o prêmio nacional “Psicologia e Direitos Humanos: ditadura civil-militar e repercussão sobre a Psicologia como ciência e profissão”, do Conselho Federal de Psicologia (CFP).

O prêmio em dinheiro foi entregue aos professores – que coordenam o Núcleo de Estudos e Pesquisas Crítica, Insurgência, Subjetividade e Emancipação (Crise), da UFG – em solenidade na sede do CFP, em Brasília, em dezembro de 2013. Cinquenta e dois artigos de psicólogos, professores e estudantes de universidades de todo Brasil concorreram ao prêmio.

O trabalho de Domenico e Fernando – “Ditadura e insurgência na América Latina: psicologia da libertação e resistência armada” – fala da importância da insurgência à ditadura militar no Brasil (1964-1985) na transformação do pensamento de quem aderiu às práticas radicais de luta e da Psicologia como ciência e profissão.

Além de pesquisa bibliográfica, Domenico e Fernando entrevistaram quatro ex-guerrilheiros brasileiros e um colombiano das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc). No doutorado, defendido em 2009 na USP, Domenico já havia entrevistado guerrilheiros revolucionários.

“Discutimos como a subversão e a desobediência, tratadas pejorativamente como vandalismo, têm potencial de transformação emancipatória, de educação e formação humana. No Brasil, a rebelião à ditadura permitiu a criação de novas subjetividades insurgentes, que apostavam em outras formas de vida”, diz Domenico.

Na Psicologia, afirmam, a insurgência levou ao deslocamento de uma posição adaptativa e normalizadora para uma visão crítica e transformadora, na busca e na construção de relações sociais justas.

A profissão havia sido fundamental para a ditadura. Teria servido para “psicologizar” as classes médias, normatizar e padronizar as condutas numa suposta normalidade, fortalecer o intimismo e o familismo, naturalizar a “tirania da intimidade”, esvaziar a esfera pública, delinear o perfil psicológico do terrorista e o comportamento do militante como “desviante”, aquele com “problemas familiares”.

Macloys Aquino



Domenico e Fernando na Faculdade de Educação: artigo tenta entender como as lutas sociais contra a ditadura contribuíram para mudar a Psicologia, como profissão e como ciência

Domenico e Fernando lembram das práticas das entidades representativas dos psicólogos, como o próprio Conselho Federal de Psicologia (CFP), proponente do prêmio, que chegou a homenagear com o diploma de psicólogo honorário os presidentes do regime militar Garrastazu Médici e Ernesto Geisel.

“Tentamos trabalhar como as lutas sociais contra a ditadura contribuíram para mudar a Psicologia, como profissão e como ciência. Muitos psicólogos passaram a pensar em como construir uma psicologia mais social e preocupada com grupos oprimidos”, diz Fernando.

“A revolução abala as categorias que usamos para dar sentido à experiência; mostra o quão artificial, ainda que convincente, é a separação entre o ‘individual’ e o ‘social’ sob o capitalismo (...). É neste momento que disciplinas como a Psicologia, que fazem do isolamento uma virtude, são abaladas em seu âmago”, diz Ian Parker, figura central da Psicologia Crítica, explorada no artigo.

## Elementos para compreender momento atual

O trabalho dos professores Domenico Hur e Fernando Lacerda fala do passado. Mas se a insurgência – pelo seu potencial de transformação e emancipação – ajuda na compreensão dos momentos de crise, a pesquisa pode oferecer elementos para observar o efervescente contexto sociopolítico atual do Brasil.

“Momentos de crise e a inserção de pessoas em movimentos criam situações em que os sujeitos deixam de assumir postura adaptativa e normalizadora, buscando desconstruir e criar novos sentidos, abre-se o potencial de ação criativa do sujeito”, diz Fernando.

“A participação é importante em vários sentidos, desvela contradições em nossa sociedade, por exemplo, como o aparato militar da ditadura ainda existe no Brasil”, acrescenta. “Digo isso de forma bastante provisória”, pondera Fernando.

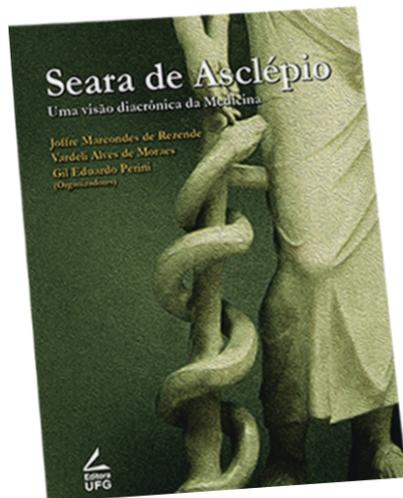
Domenico vê facetas de subjetividade insurgente tanto para criação quanto para destruição. “Em manifestações de massas sempre há excessos. A depredação de aparelhos ideológicos do Estado, bancos, instituições que representam o capital, isso realmente acontece”, diz.

“O movimento é complexo e vemos as empresas de comunicação criticando o black blocs, por exemplo. Acho que o caminho não é apontar o que é positivo ou negativo, mas tentar entender o que a insurgência pode criar de subjetividade e ação políticas. Qual o potencial produtivo da insurgência? Essa é a pergunta a se fazer”, completa.

Ana Luiza Castro  
(membro da  
Comissão Nacional  
de Direitos Humanos  
do CFP), Fernando,  
Pedro Paulo Bicalho  
(coordenador da  
Comissão de DHs do  
CFP), Aluizio Lopes  
de Brito (presidente  
do CFP à época) e  
Domenico durante  
solenidade de  
entrega do prêmio

Assessoria CFP





### HISTÓRIA DA MEDICINA

#### Seara de Asclépio: uma visão diacrônica da Medicina

Joffre Marcondes de REZENDE  
Vardeli Alves de MORAES  
Gil Eduardo PERINI

Com 552 páginas, a obra é fruto de árduo trabalho de seus organizadores: são quarenta capítulos, produzidos por cinquenta diferentes autores.

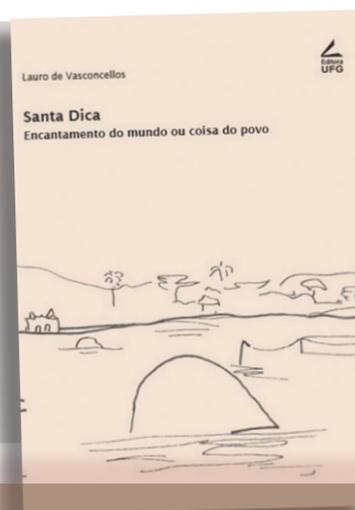
Joffre Rezende é professor emérito da UFG e professor *honoris causa* da UnB. Ele fez descobertas sobre os danos da doença de Chagas ao esôfago, assim como editou a *Revista Goiana de Medicina*, dentre vários outros feitos. Vardeli Alves, seu colega na organização da obra, tem grande envolvimento com o ensino da Medicina, e é ginecologista e obstetra. Já Gil Perini, cardiologista, também é cronista para jornais locais e escritor.

### RELIGIOSIDADE

#### Santa Dica: Encantamento do mundo ou coisa do povo

Lauro de VASCONCELLOS

A famosa obra do já falecido Lauro de Vasconcellos, lançada originalmente em 1991, recebeu nova edição. O livro investiga o movimento de Santa Dica, ocorrido em Goiás na década de 1920. Curas passaram a ser atribuídas à curandeira Dica a partir de 1923, em um distrito de Pirenópolis. Lauro realizou a pesquisa em fontes orais e documentais e descreve tão importante movimento social e religioso entre as classes dominadas em Goiás do século passado.



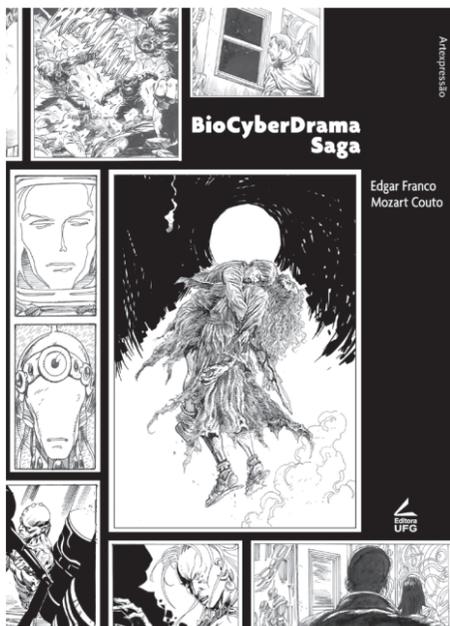
### HQ

#### BioCyberDrama Saga

Edgar FRANCO  
Mozart COUTO

Uma narrativa em quadrinhos que aborda com sensibilidade as questões existenciais. Ao mesmo tempo, volta-se às produções culturais da contemporaneidade. Aventura, drama, romance misturam-se à filosofias e crenças, enquanto intrigas e a chocante percepção do avanço tecnológico nos leva a refletir sobre a vida e seu sentido.

Edgar Franco é "ciberpajé, artista multimídia, quadrinhista" e professor da Faculdade de Artes Visuais da UFG, como ele se define na assinatura de seus trabalhos acadêmicos. Mozart Couto, por sua vez, é desenhista e ilustrador há mais de 40 anos. A primeira parte da obra foi indicada para importantes prêmios e recebeu o prêmio Ângelo Agostini de melhor desenhista de 2003.



# LANÇAMENTOS VARIADOS

Confira algumas obras de professores da UFG lançadas no último ano. De livros técnicos aos quadrinhos, são publicações de novas edições e trabalhos inéditos

### LITERATURA REGIONAL

#### Antologia do conto goiano (2 volumes)

Vera Maria Tietzmann SILVA  
Darcy França DENÓFRIO  
Maria Zaira TURCHI

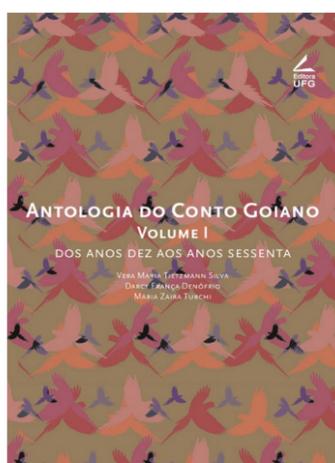
Nova edição revista e atualizada da obra, com um panorama da produção literária goiana de 1910 à 1994. Foram acrescentadas novas informações biobibliográficas, assim como a linguagem foi adequada às normas ortográficas em vigor.

### SOCIOLOGIA

#### Interpretações dualistas do Brasil

Custódia Selma SENA

A obra foi lançada em segunda edição. A autora faz um estudo ensaístico sobre teses dualistas de interpretação do País. São três ensaios que convergem num balanço crítico, mas que também apresentam certa autonomia. A obra tem 160 páginas.



### ESTANTE VIRTUAL

#### Morar na metrópole, viver na praia ou no campo:

a segunda residência e o mercado imobiliário metropolitano

Tadeu Alencar ARRAIS

Docente do Iesa, o professor Tadeu Alencar Arrais é o autor do primeiro livro digital publicado pela Editora UFG. Disponível em PDF e EPUB (padrão específico para *e-books*), a obra discute o fenômeno da segunda residência e seu impacto no mercado imobiliário das regiões

metropolitanas de Fortaleza e Goiânia. De acordo com o professor, quanto mais segundas residências existem, mais os municípios sofrem problemas como a especulação imobiliária.

Baixe o livro em <http://bit.ly/arraais2casa>. O download é gratuito.



MILCA SEVERINO

# Fixação pelo trabalho

A ex-reitora da UFG decidiu, ainda adolescente, quando fazia curso profissionalizante de Enfermagem em Rio Verde, que dedicaria sua vida à universidade

Macloys Aquino

Milca Severino Pereira tinha 4 anos e estava no colo do pai, na varanda da casa de pau a pique em Itarumã, interior de Goiás, quando passou a mão numa Bíblia e começou a ler. “Seu Dante, essa criança está lendo?”, espantou-se o missionário da Igreja Presbiteriana.

Na verdade, a menina apenas repetia o que o religioso acabara de pregar ao pai. Ela segurava o livro de cabeça para baixo, mas o homem não deixou de recomendar. “Essa criança não pode estudar aqui (na roça). Precisa ir para a escola regular”.

No momento em que o missionário saiu da casa, Milca passou a pegar no pé de seu Dante: “Eu preciso ir para a escola regular”, repetia. Acabou matriculada numa escola em Cachoeira Alta, cidade próxima de Itarumã, também Goiás, onde havia o tal currículo.

Ali começava o ímpeto de dedicação aos estudos e ao trabalho que se tornou o motivo da vida da professora aposentada da Faculdade de Enfermagem, ex-reitora da UFG, ex-secretária estadual de Educação e hoje pró-reitora de Graduação e Pesquisa da PUC-GO.

“Me casar?”. A surpresa de Milca provavelmente não fez sentido para aquele estudante de Educação Física. Afinal, ele fez o convite depois de cinco anos de um namoro que durou toda graduação dos dois – ela estudava Enfermagem.

“Eu quero fazer mestrado, doutorado. Eu quero ser professora universitária’. Disse isso a ele. E ali terminamos o namoro”, conta rindo. “O meu foco, do dia em que tenho consciência de existir, era estudar, o título de doutora, invoquei com isso”, diz. “Só vou parar de estudar no túmulo”, emenda.

Ela é solteira, acostumada a levantar-se da cama às 4h30 e leva uma vida frenética de trabalho. “Me considero casada com a Universidade, me considero uma pessoa muito feliz, gosto muito do que faço. Deus me deu a oportunidade de crescer com o sofrimento, nada para mim chegou de forma tranquila, fácil”, diz.



Milca Severino no jardim da Pró-Reitoria de Graduação e Pesquisa da PUC-GO: “Não me considero uma pessoa conservadora. Me considero uma pessoa que trabalhava, faz um esforço violento para transformação”

## Jornada

A família de Milca era pobre, vivia da terra, mas sempre a mãe incutia em sua cabeça que a melhoria viria com os estudos. “Nós somos burros. As meninas vão ser doutoras”, lembra a mãe falar. E adolescente, no curso técnico da Escola de Enfermagem Cruzeiro do Sul, em Rio Verde, Milca percebeu que com a profissão poderia mudar sua vida e a da família.

Mudou-se para Goiânia em 1975 e aos 20 anos foi admitida no concurso para ser auxiliar de enfermagem no Hospital das Clínicas da UFG. Ao mesmo tempo, começou a graduação em Enfermagem na antiga UCG.

O curso era integral e ela deveria cumprir 40 horas por semana no HC. Então, durante cinco anos, estudava pelas manhãs e noites, trabalhava à tarde e completava a jornada com plantões aos sábados, domingos, feriados e algumas madrugadas no hospital.

“Foi um período muito rico na minha vida”, diz.

Assim que se formou, no final dos anos 70, foi aprovada em concursos e conseguiu dois empregos – na UFG como enfermeira e na UCG como auxiliar de ensino. Foi o que o que mais tarde a permitiria levar toda família para Goiânia.

Em 1983 foi aprovada como docente da UFG, em 1985 saiu para o mestrado na USP e logo depois para o doutorado, também na USP, defendido em 1990. Desde então tem vida acadêmica ativa, com publicações regulares. E sempre que pode, arruma outra atividade.

“A minha necessidade era ser uma profissional competente, respeitada intelectualmente. Isso me realizou”, diz, convicta.

## PING-PONG

### Reitoria da UFG

Administrei a UFG num período muito difícil financeiramente. Lutava para conseguir recursos para pagar a conta de luz, numa época em que o sistema de ensino superior não recebeu do governo federal a atenção necessária. Apesar disso, tivemos uma gestão muito forte, valente, dinâmica, tínhamos uma equipe maravilhosa. O legado foi manter a UFG viva, apesar das adversidades. Conseguimos instalar curso noturno no Câmpus II.

### Oposição

Sem problemas. Na minha autoavaliação e autocrítica, as divergências (em sua administração) foram salutares. O dissenso faz a universidade crescer. Óbvio que eu tinha oposição, mas as respeitei profundamente, mais do que podem imaginar. Na solidão do cargo, quando ouvia um estudante, um professor ou um servidor técnico-administrativo criticando a gestão, eu ia para casa refletindo sobre a crítica, para verificar a possibilidade de equalização.

### Secretaria da Educação

Instituímos a escola em tempo integral. Isto foi para mim uma alegria, porque também na Secretaria da Educação enfrentamos gigantescas dificuldades financeiras. Por isto acho que a minha sina, como diz o poeta, é enfrentar dificuldade financeira. Conseguimos instituir escola de tempo integral para o ensino fundamental primeira fase e isso refletiu no Ideb 2011, a melhoria do ensino da educação (no Estado).

### Política ou técnica?

Me considero totalmente técnica, com larga visão política. Política no sentido lato do termo. Nunca fui filiada a partido político, mas acredito que tenho, pelo menos as pessoas veem assim, habilidade política para a gestão. Eu não tenho dificuldade nos relacionamentos institucionais e em compreender as diferentes instâncias de poder estabelecidas no nosso País. Considero ter habilidades políticas para transitar bem neste cenário (institucional).

### Reformista ou conservadora?

Eu não me considero uma pessoa conservadora. Me considero uma pessoa que trabalha, faz um esforço violento para transformação, mas respeitando todas as instâncias oficiais que a sociedade tem como premissa. Eu sou uma pessoa que respeita profundamente as leis, mas sempre lutei para igualdade das pessoas, para o bem comum. Eu luto pelo bem, a minha vida inteira foi para melhorar as condições sociais.

### Filhos

Nunca tive vontade, nunca pensei em filhos. Oportunidade eu tive, amo os meus sobrinhos, crianças gostam de mim, mas nunca pensei. Tenho clareza que a minha produção intelectual, da forma como aconteceu, foi possível porque sou solteira. Uma senhora que tem filho, marido, consegue trabalhar pelo menos 20 horas fora de casa?